

103

104

2₃

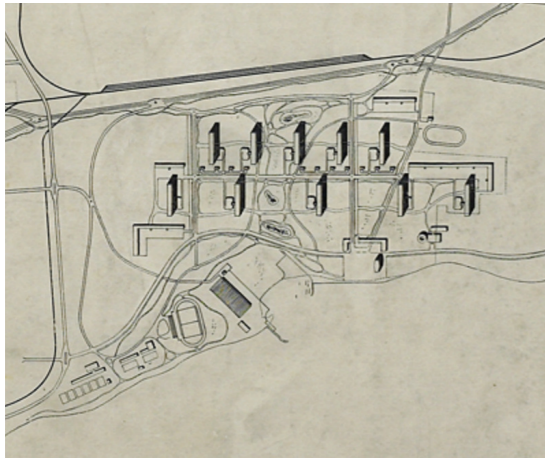
A GÉNESE DE UM LUGAR PÚBLICO AO NÍVEL DO SOLO

Se o espaço criado sobre a última laje dos edifícios de habitação colectiva de Le Corbusier, já se tinha tornado, nos anos 30, um novo território para o urbanista – comparável ao espaço público ao nível do solo das suas cidades da época –, para uma verdadeira compreensão do *toit-terrasse* da Unidade de Habitação de Marselha, torna-se fundamental o estudo do espaço ao nível do solo da cidade que aplica este modelo habitacional.

Durante o período em que se projecta a Unidade de Habitação de Marselha, e nomeadamente, durante o período em que se desenha o seu *toit-terrasse* – entre Agosto de 1945 e Outubro de 1952 –, são concebidos, no atelier de Le Corbusier, oito planos urbanos.¹³⁵ Deste conjunto, dois projectos, que nunca chegarão a ser postos em prática – La Rochelle La Pallice e Saint-Dié –, começam a ser executados no mesmo período que a Unidade de Habitação de Marselha, aplicam o seu modelo, e surgem igualmente no momento da reconstrução de França. De acordo com as observações de Le Corbusier, estes planos contextualizam a unidade de habitação no seu conceito de cidade do período imediatamente subsequente à Segunda Grande Guerra.

Em *Œuvre complète 1938-1946*, e a propósito do projecto da Unidade de Habitação de Marselha, Le Corbusier indica:

«L'aboutissement des études de Le Corbusier sur l'unité d'habitation l'ont conduit ici à arrêter ses dimensions à un volume bâti parfaitement proportionné, et que l'urbanisation de Saint-Dié comme de La Pallice avait déjà situé sur le terrain.»¹³⁶



Em *Œuvre complète 1946-1952*, e referindo-se novamente ao projecto da Unidade de Habitação de Marselha, Le Corbusier afirma:

«A la Libération, l'actualité était pressante. En effet, on allait pouvoir passer à la réalisation. Deux plans sont faits (deux très beaux plans) : l'Urbanisation de la ville de Saint-Dié, l'Urbanisation de La Rochelle-Pallice.

»Ici, les Unités d'Habitation de Grandeur Conforme sont la clef de la conception. L'urbanisme change précisément à cause de la présence et des ressources des Unités d'Habitation de Grandeur Conforme.»¹³⁷

Através destes dois projectos, podemos deduzir as características do lugar público de congregação, de glorificação e representação do colectivo, ao nível do solo, da cidade que, no período imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra, aplica o modelo da unidade de habitação.

O projecto de Le Corbusier para La Rochelle e La Pallice consiste num conjunto de desenhos, elaborados entre Junho de 1945 e Outubro de 1947, que abarca duas cidades, localizadas na costa atlântica francesa, no distrito de Charente-Maritime. Enquanto La Rochelle, cidade de origem gótica, com um tecido urbano consolidado sobre um pequeno porto natural, tinha sido preservada dos bombardeamentos, La Pallice, uma cidade industrial com um novo porto, encontrava-se já bastante destruída pela guerra de 1914-1918. Trata-se de um encargo que surge graças a Raul Dautry, que nomeia Le Corbusier urbanista e arquitecto responsável pelo projecto. Num plano urbanístico único, havia que recuperar a cidade que não foi bombardeada, e reconstruir a cidade destruída. As duas cidades são associadas, e a sua circulação melhorada, ao mesmo tempo que é reconstruída a cidade industrial e o porto de La Pallice – modernizando-os, e dinamizando economicamente a região. Primeiramente, Le Corbusier concentra-se na zona industrial, em seguida dedica-se ao desenho das habitações que vão acolher os seus trabalhadores. Entre o casco antigo de La Rochelle e a nova zona industrial junto ao porto de La Pallice, localizar-se-á uma área residencial^[Fig. 25], formada por dez unidades de habitação. Nesta zona, a sul e junto ao mar, encontra-se o espaço público que Le Corbusier

135. Saint-Gaudens, La Rochelle La Pallice, Saint-Dié, Vieux-Port Marseilleveyre, Izmir, Bogotá, Marseille Sur e Chandigarh.

136. «O resultado das pesquisas de Le Corbusier sobre a unidade de habitação levou-o a estabilizar as suas dimensões num volume construído perfeitamente proporcionado, e que tanto a urbanização de Saint-Dié, e a Urbanização de La Rochelle-Pallice. Aqui, as Unidades de Habitação de Tamanho Adequado são a chave da concepção. O urbanismo altera-se precisamente devido à presença e aos recursos das Unidades de Habitação de Tamanho Adequado.» Le Corbusier, «1946 Construction d'une 'Unité d'habitation de grandeur conforme' pour 1600 habitants (projet d'exécution)», in *Œuvre complète 1938-1946*, cit., p. 174.

137. «Depois da Libertação de França, a actualidade era premente. Com efeito, íamos poder passar à realização. Dois planos são realizados (dois planos muito bonitos): a Urbanização de Saint-Dié, e a Urbanização de La Rochelle-Pallice. Aqui, as Unidades de Habitação de Tamanho Adequado são a chave da concepção. O urbanismo altera-se precisamente devido à presença e aos recursos das Unidades de Habitação de Tamanho Adequado.» Le Corbusier, «L'Unité d'Habitation à Marseille», in *Œuvre complète 1946-1952*, cit., pp. 189-190.

[Fig. 25] Planta do projecto La Rochelle La Pallice (L-C, 11 de Abr. de 1946, detalhe de FLC 22419A)

zona industrial, em seguida dedica-se ao desenho das habitações que vão acolher os seus trabalhadores. Entre o casco antigo de La Rochelle e a nova zona industrial junto ao porto de La Pallice, localizar-se-á uma área residencial, formada por dez unidades de habitação. Nesta zona, a sul e junto ao mar, encontra-se o espaço público que Le Corbusier intitula de «centre civique». Trata-se de um recinto quadrangular. A presença de alguns elementos e a diferenciação de pavimentos definem os seus limites e sugerem a sua configuração. O interior é ocupado por edifícios para usufruto de toda a população residente nesta área.

O projecto de Le Corbusier para Saint-Dié, por seu lado, consiste num conjunto de desenhos elaborados entre Abril de 1945 e Fevereiro de 1946, para uma cidade na zona noroeste da França, capital do distrito de Vosgos, situada junto ao rio Meurthe, com uma população de cerca de 20.000 habitantes.^[Fig. 26] É definido por Le Corbusier como um protótipo da cidade moderna.¹³⁸ O contexto é o do pós-guerra. Há que dar habitação a cerca de metade dos moradores, desalojados, e reconstruir a cidade, praticamente destruída durante a Segunda Grande Guerra.¹³⁹ Trata-se de um encargo que surge pela mão de um amigo de Le Corbusier, Jean-Jacques Duval¹⁴⁰. Em Março de 1945, Duval convence Le Corbusier a assumir o papel de arquitecto-consultor da Association des Sinistrés de Saint-Dié que fundara com alguns jovens industriais¹⁴¹. Depois de um arquitecto de Nancy, Jacques André, ser nomeado urbanista da cidade, Duval trata de fazer com que, a 19 de Abril do mesmo ano, Le Corbusier seja nomeado urbanista-consultor de Saint-Dié¹⁴². Primeiro, Le Corbusier dedica-se a estudar a edificação de habitações provisórias para a população, mas rapidamente trata de estudar o plano para a reconstrução global da cidade. Uma vez que, depois dos bombardeamentos, pouco resta da antiga Saint-Dié, Le Corbusier elabora este projecto como uma oportunidade para a aplicação



dos princípios da Carta de Atenas. Para além do rio Meurthe, em particular, e da geografia, em geral, três elementos culturais constituem uma espécie de pre-existência referencial do projecto: uma catedral, uma igreja, e a estação de caminho-de-ferro – os três ocupando uma posição excêntrica relativamente ao centro histórico, o primeiro a norte da cidade, o segundo e o terceiro mais a sul. No espaço sobre o eixo que une a catedral e a igreja, e ao longo de uma franja que lhes é perpendicular, desenvolve-se a nova Saint-Dié. A norte do rio, posiciona-se a zona residencial, composta por edifícios de habitação colectiva, do tipo *unité d'habitation* – quatro a oito – de 1.600 habitantes cada entre os quais se encontram vários pequenos edifícios de carácter público. A sul, ao longo de cerca de 1.200 metros, encontra-se a zona industrial, desenhada segundo os princípios da «usine verte». A cidade estende-se, essencialmente, segundo duas bandas de direcção este-oeste, sem limites, e, assim, sem periferia. O desenho da cidade parece poder crescer, infinitamente, à esquerda e à direita, de acordo com o aumento da população e da economia. O lugar público que Le Corbusier intitula de «centre civique» ou «cœur de la ville», encontra-se ao centro do projecto, sensivelmente sobre a parte de território onde antes existia o casco antigo. Com limites definidos a norte e a sul através de pavimentos de materiais diferentes, e a este e a oeste por duas das oito unidades de habitação, trata-se de um recinto de planta quadrangular cujos limites apenas são indicados, enquanto que o interior é ocupado por edifícios para usufruto do colectivo.

Os dois planos prevêm, ao nível do solo, junto às unidades de habitação, um espaço que poderá ser profundamente análogo ao do *toit-terrasse* da Unidade de Habitação de Marselha: o espaço que Le Corbusier intitula de «centro cívico» ou «coração da cidade». Tal como o *toit-terrasse*, este espaço, cujos limites são apenas induzidos, contem no seu interior os equipamentos para o usufruto colectivo, constituídos por vários volumes, irrepetíveis, autónomos entre si e em relação ao todo, dispostos de acordo com um equilíbrio baseado na harmonia gerada entre a sua massa e a sua posição relativa no espaço. Destes dois lugares de reunião e representação do colectivo, o de Saint-Dié – dados os cuidados que Le Corbusier lhe dedica, e o grau

[Fig. 26] Maqueta do projecto Saint-Dié

138.

Em Carta a Raul Dautry, Ministro da Reconstrução, ao descrever as condições excepcionais do projecto de Saint-Dié, Le Corbusier refere: «grandeur du problème (dix mille cinq cents sinistrés) constituant une unité urbaine de la dimension d'un véritable prototype; [...]» («dimensão do problema (dez mil e quinhentos sinistrados) constituindo uma unidade urbana da dimensão de um verdadeiro protótipo; [...]» Le Corbusier, carta a Raul Dautry, de 21 de Dezembro de 1945, FLC H3-18-146. Mais adiante, na mesma carta, escreve, referindo-se ao seu projecto para Saint-Dié: «[...] devant ce prototype que l'on peut élever dans le magnifique paysage de Saint-Dié [...]» («[...] diante desse protótipo que podemos erguer na magnífica paisagem de Saint-Dié [...]»), Le Corbusier, *ibidem*. Mais tarde, escreve: «Ce plan fut considéré comme un prototype.» («Este plano foi considerado um protótipo») Le Corbusier, *Œuvre complète 1938-1946, cit.*, p. 132.

139.

De 3.339 edifícios, consta que 1.359 foram completamente destruídos, e 1.785 parcialmente danificados.

140.

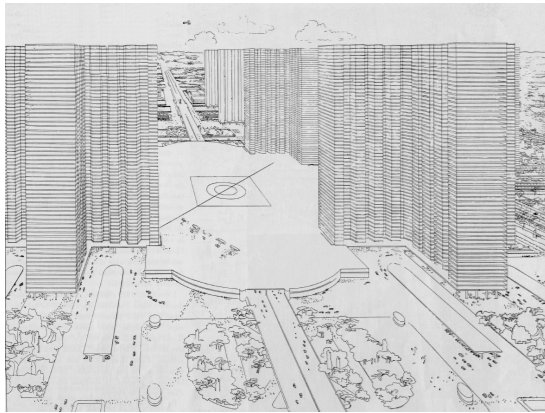
Jean-Jacques Duval (1912-), industrial de Saint-Dié, gerente de uma empresa têxtil desde 1940 a 1944, engenheiro, esteve em contacto com Le Corbusier desde 1935. Ver, sobre a relação de Jean-Jacques Duval e Le Corbusier, Jean-Jacques Duval, *Le Corbusier, l'écorce et la fleur*. Paris: Éditions du Linteau, 2006, *passim*.

141.

Ver, sobre este assunto, carta de Jean-Jacques Duval a Le Corbusier, de 2 de Fevereiro de 1945, *cit. in* Jean-Jacques Duval, *op. cit.*, p. 60.

142.

Ver, sobre este assunto, carta de Jean-Jacques Duval a Le Corbusier, de 26 de Fevereiro de 1945, *cit. in* Jean-Jacques Duval, *op. cit.*, p. 61.



constituídos por vários volumes, irrepetíveis, autónomos entre si e em relação ao todo, dispostos de acordo com um equilíbrio baseado na harmonia gerada entre a sua massa e a sua posição relativa no espaço. Destes dois lugares de reunião e representação do colectivo, o de Saint-Dié – dados os cuidados que Le Corbusier lhe dedica, e o grau de definição que vem a atingir –, requer uma reflexão especial. Este era um espaço muito especial do plano, representado em qualquer das publicações corbusianas em que se fez referência ao projecto. Dos 93 desenhos do projecto urbanístico, realizados pelo atelier da Rue de Sèvres, que se encontram na Fondation Le Corbusier em Paris¹⁴³, 49 apresentam registos que dizem respeito à composição do centro cívico. Este é o espaço a que Le Corbusier dedica mais atenção, e ao qual, na proposta de uma primeira etapa de construção (intitulada «Etapa 1946»), dá prioridade, tratando de que seja primeiramente edificado. Se consideramos o *toit-terrasse* da Unidade de Habitação de Marselha como o modelo exemplar dos *toit-terrasses* das unidades de habitação, fará igualmente todo o sentido podermos considerar o centro cívico de Saint-Dié como o exemplo paradigmático dos lugares públicos de congregação, ao nível do solo, das cidades corbusianas que integram a unidade de habitação.

PRINCÍPIOS DE UM CENTRO CÍVICO

A 1 de Junho de 1945, Le Corbusier escreve a Jean-Jacques Duval:

«Le plan d'urbanisme à Saint-Dié est sur la planche [...]»¹⁴⁴

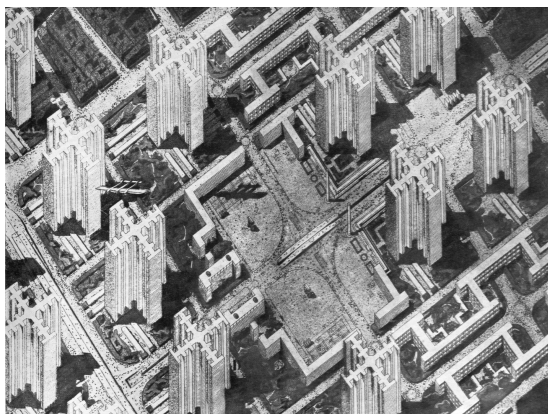
O projecto começa à escala regional, com uma análise da topografia e do contexto geográfico da cidade. A 12 de Junho de 1945, são elaborados dois estudos, de modo a que a estrada nacional – que antes cruzava a aglomeração, constituindo-se como a sua artéria principal, a Grand'Rue –, deixe de atravessar Saint-Dié, sendo desviada para uma

143.
Publicados em *Le Corbusier plans, cit.*, v. 3.

144.
«O plano de urbanismo de Saint-Dié está sobre o estirador [...]» Le Corbusier, carta a Jean-Jacques Duval, de 1 de Junho de 1945, FLC E1-20-728.

145.
Ver FLC 18417 (Rocade A) e FLC 18415 (Rocade B).

146.
Segundo Pier Giorgio Gerosa, «enquanto, por exemplo, em Anvers e na Ville Radieuse, a rede de ruas possuía a sua própria coerência formal, que se opunha à coerência formal da cidade construída, em Saint-Dié a rede de ruas é manifestamente subordinada



localização mais periférica.¹⁴⁵ No mesmo dia, surgem apontamentos que incluem a área correspondente ao antigo centro da cidade. Le Corbusier realiza uma série de traçados imprecisos, que reflectem o objecto do seu pensamento nessa ocasião: o espaço de congregação da cidade [Fig. XXXI].

No dia seguinte, é realizado um desenho, onde é esboçado o rio e três elementos preexistentes: a catedral, a igreja, e a estação de caminho-de-ferro [Fig. XXXII]. A sul do rio, são colocados os edifícios fabris, e a norte, oito unidades de habitação. Na parte do território que antes tinha sido ocupada pelo centro histórico da cidade, delimitada a norte pela catedral, a sul pelo rio, e a este e a oeste por unidades de habitação, é eleito um espaço. Trata-se de um recinto quadrangular, com cerca de 300 metros de lado, onde será definido o espaço público de reunião. Este espaço, identificado por Le Corbusier como «centre civique», é assinalado no desenho a tracejado.

Em redor do centro cívico, são delineadas as principais vias de circulação. Ao contrário do que sucedia em projectos urbanísticos tais como a Ville Contemporaine, de 1922, ou a Ville Radieuse de 1932, as artérias desta cidade não possuem intencionalidade estética.¹⁴⁶ Por outro lado, o objectivo da grelha de implantação das circulações automóveis não é, como sucedia na cidade corbusiana dos anos vinte, o da eficiência máxima do transporte viário.¹⁴⁷ Eixos de circulação e edifícios passam a ser entidades absolutamente autónomas, o que conduz a uma separação entre automóveis e peões¹⁴⁸ (de acordo com o que Le Corbusier anuncia em *Manière de penser l'urbanisme*¹⁴⁹). Assim, a circulação automóvel torna-se visualmente ausente dos lugares da vida pública, dos quais o centro cívico é a expressão máxima. Ao contrário do que sucedia na Ville Contemporaine pour 3 Millions d'Habitants de 1922, as vias de circulação automóvel não penetram neste espaço (mas contornam-no perifericamente), a linha de comboio não chega à cidade através do seu centro (mas sim pela estação existente a sul), e o aeroporto não se encontra no centro da cidade (dando lugar a um heliporto nos limites da cidade)¹⁵⁰. O centro cívico de Saint-Dié não se destina a automóveis, comboios e aviões, como o centro da Ville Contemporaine [Fig. 27], nem tão só a automóveis, como o centro do Plan Voisin [Fig. 28], mas

aos edifícios. [...] A modificação é fundamental. A rede de ruas deixa de ser a obra e a preocupação de Le Corbusier, para se tornar um mero elemento utilitário, obra de um especialista. Pouco importa se a rede possui a sua própria poesia. Terá uma poesia comparável à poesia inconsciente que encontramos nas obras dos engenheiros do século XIX.» Pier Giorgio Gerosa, *op. cit.*, p. 96.

147.

Em 1925, por exemplo, Le Corbusier teria apelado à máxima eficiência viária: «[...] la ville qui dispose de la vitesse dispose du succès, – vérité des temps.» («[...] a cidade que dispõe da velocidade dispõe do sucesso – verdade dos tempos.») Le Corbusier, *Urbanisme*, *cit.*, p. 182.

148.

Jean-jacques Duval assinalará, enfatizando a separação absoluta entre automóveis e peões: «Une voie de contournement à circulation rapide évite la ville. Un réseau à circulation lente permettait d'accéder aux parkings des industries, des unités d'habitation, du centre administratif et des commerces. Ce réseau ne recoupait jamais les chemins piétonniers qui, au milieu d'espaces verts, desservent aussi bien les entreprises et les écoles, les crèches, le centre civique et commercial et les terrains de sport.» («Uma via de circunvalação de circulação rápida evitava a cidade. Uma rede de circulação lenta permitia aceder aos parqueamentos das indústrias, das unidades de habitação, do centro administrativo e dos comércio. Essa rede não cruzava nunca os caminhos pedonais que, no meio dos espaços verdes, serviam igualmente as empresas e as escolas, as creches, o centro cívico e comercial e os campos desportivos.») Jean-Jacques Duval, *op. cit.*, p. 73.

149.

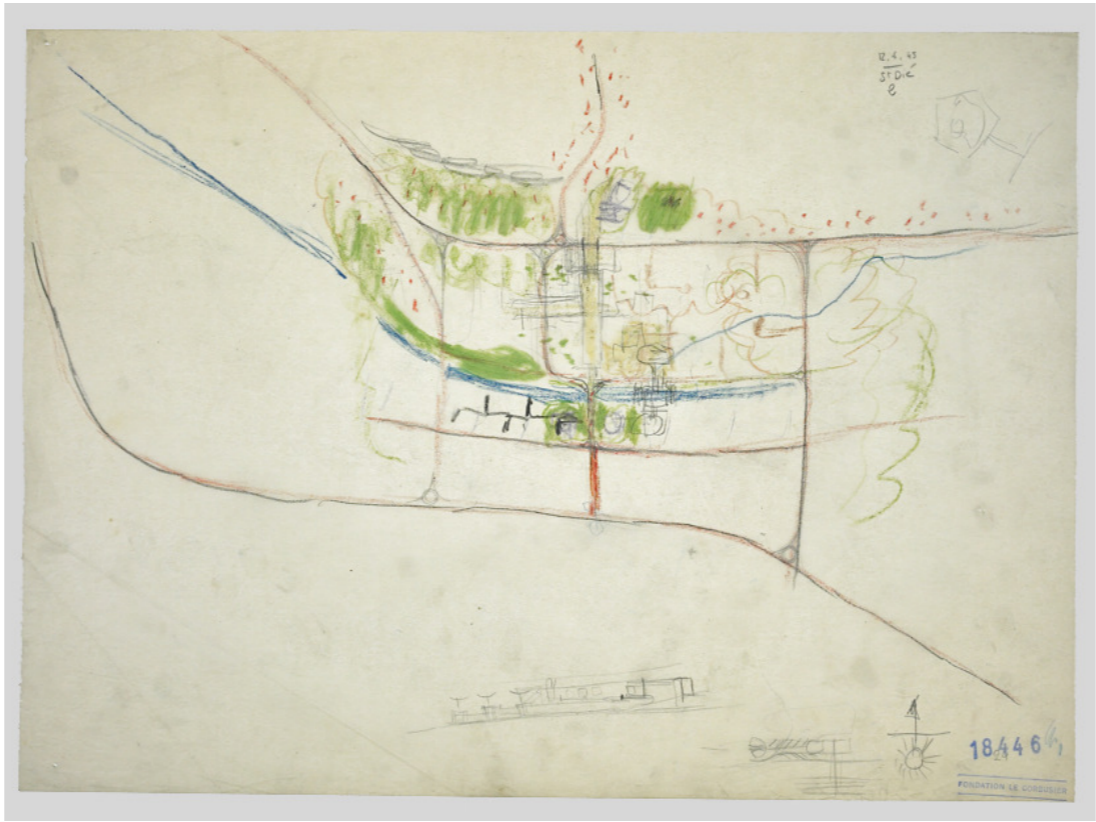
«Les circulations mécaniques verticales dont la technicité impeccable est acquise là où règne l'organisation suffisante, assurent l'exploitation parfaite d'immeubles, déclenchant ainsi un jeu de conséquences dont les plus importantes seront l'indépendance réciproque des volumes bâtis et des voies de communication. En fait, la réalisation d'une opération jugée jusqu'ici chimérique : la séparation du piéton et de l'automobile. Le volume bâti cesse alors d'être le simple résidu fourni par l'intersection de trois ou de quatre rues ; et la rue cesse d'être le corridor entre façades dressées au long de ses bords et à l'intérieur duquel se précipitent, dans les contraintes les plus excédantes, les choses les plus disparates : piétons, chevaux, automobiles, camions et tramways.» («As circulações mecânicas verticais, cujo tecnicismo exemplar é adquirido onde existe uma boa organização, asseguram uma exploração perfeita dos edifícios, desencadeando assim um jogo de consequências, em que a mais importante será a independência recíproca dos volumes construídos e das vias de comunicação. Com efeito, trata-se da realização de uma operação até agora julgada quimérica: a separação do peão e do automóvel. O volume construído deixa de ser um mero resíduo fornecido pela intersecção de três ou quatro ruas; e a rua deixa de ser o corredor entre fachadas ao longo dos seus lados e em cujo interior se precipitam, com os constrangimentos mais dramáticos, os elementos mais díspares: peões, cavalos, automóveis, camiões e eléctricos.») Le Corbusier, *Manière de penser l'urbanisme*, *cit.*, pp. 42-43.

150.

Ver FLC 18423.

[Fig. 27] Desenho do projecto Ville Contemporaine (ilustração de L-C e Pierre Jeanneret, *Œuvre complète 1910-1929*, p. 109)

[Fig. 28] Desenho do projecto Plan Voisin (ilustração de L-C e Pierre Jeanneret, *Œuvre complète 1910-1929*, p. 117)



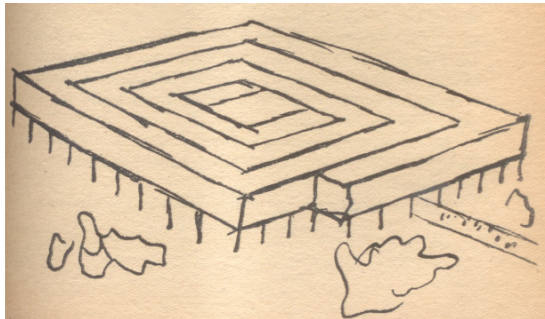


[Fig. XXXI]

Planta do projecto St-Dié (L-C, 12 de Jun. de 1945, FLC 18446)

[Fig. XXXII]

«Grille d'implantation des circulations» (L-C, 13 de Jun. de 1945, FLC 18440)



através do seu centro (mas sim pela estação existente a sul), e o aeroporto não se encontra no centro da cidade (dando lugar a um heliporto nos limites da cidade). O centro cívico de Saint-Dié não se destina a automóveis, comboios e aviões, como o centro da Ville Contemporaine, nem tão só a automóveis, como o centro do Plan Voisin, mas aos peões. Neste contexto, Le Corbusier afirma mais tarde:

«Ce centre civique est interdit aux voitures de passage ; il est réservé aux piétons.»¹⁵¹

Torna-se assim premente definir o programa deste novo centro. Nesse mesmo dia 13 de Junho de 1945, são enumeradas as necessidades a ter em conta: edifícios municipais (centro de administração e câmara municipal)¹⁵², espaços para as manifestações da vida política, espaços para espectáculos, edifícios comerciais, artesanato¹⁵³ e turismo e lugares públicos: espaços dedicados à comunidade, de administração, representação e glorificação do colectivo dos habitantes desta cidade. O programa é então reflectido num grande esquisso [Fig. XXXIII] e, no dia seguinte, 14 de Junho de 1945, em desenhos rigorosos [Fig. XXXIV]. O eixo que parte da antiga estação de caminho-de-ferro, coincidente com a antiga Rue de Thiers, alarga-se no interior do recinto do centro cívico, e transforma-se numa espécie de bulevar, ladeado por edificações e rematado ao longe com a visão da antiga catedral. A oeste do bulevar, encontram-se três volumes: um grande café, um cinema, e uma cafetaria. A este, encontram-se várias construções e espaços públicos. A norte, surge um conjunto de três edifícios: um volume que integra um grande armazém, outro que incorpora um salão municipal, e uma estação de correios. A este surge um conjunto de dois edifícios: um alto volume paralelepípedo sobre pilotis que integra os serviços municipais, e um volume mais baixo, que integra a câmara municipal e a sala da prefeitura. A sudeste,

151.

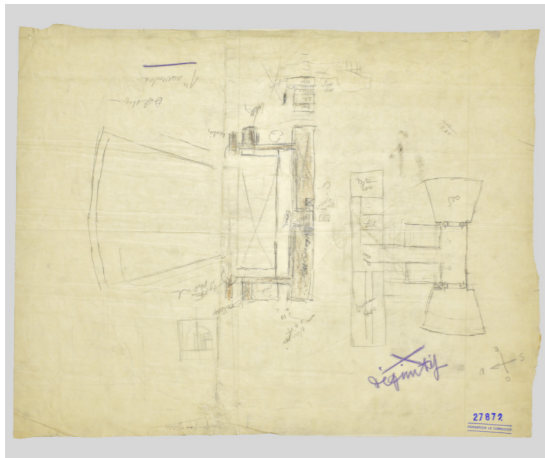
«O centro cívico está interdito a automóveis de passagem; está reservado aos peões.» Le Corbusier, «Un plan pour Saint-Dié», in *L'homme et l'architecture*, nn. 5-6, Nov.-Dez. 1945, p. 44; in *Werk*, n. 1, Jan. 1946, p. 112. Relativamente ao lugar que ocupa o centro cívico, afirma mais uma vez: «5. est la grande esplanade commune, le terre-plein des piétons, qui relie et unit les choses et les gens. Il est impérieusement mis à l'abri des véhicules.» («5. é a grande esplanada comum, o terrapleno dos peões, que liga e une as coisas e as pessoas. É imperiosamente colocado ao abrigo dos veículos.»), Le Corbusier, *Propos d'urbanisme*. Paris: Bourrellier, 1946, p. 67. Mais adiante, afirma ainda: «Ce sol gagné sera donné aux piétons, car [...] les véhicules rouleront sur une piste appropriée.» («Este solo ganho será dado aos peões, porque [...] os veículos andarão sobre uma pista adequada.») Le Corbusier, *ibidem*, p. 86.

152.

Já se havia enunciado anteriormente a necessidade de juntar os escritórios numa zona de grande acessibilidade: «Le centre des affaires doit se trouver au confluent des voies de circulation qui desservent à la fois les secteurs d'habitation, les secteurs d'industrie et d'artisanat, les administrations publiques, certains hôtels et les diverses gares (gares ferroviaire, routière, maritime, aérienne).» («O centro de negócios deve encontrar-se na zona de confluência das vias de comunicação que servem os sectores de habitação, ao mesmo tempo que os sectores da indústria e do artesanato, as administrações públicas, alguns hotéis e as diversas estações (ferroviária, rodoviária, marítima, aérea).») Le Groupe CIAM-France. *Urbanisme des CIAM, La Charte d'Athènes*. Paris: Plon, 1943, p. 162.

153.

Já se havia enunciado anteriormente a necessidade de o artesanato se posicionar na



zona mais intensa da cidade, onde se concentraria a energia intelectual do conjunto dos habitantes: «Artisans du livre, de la bijouterie, de la couture ou de la mode trouvent, dans la concentration intellectuelle de la ville, l'excitation créatrice qui leur est nécessaire. Il s'agit ici d'activités essentiellement urbaines et dont les lieux de travail pourront être situés aux points les plus intenses de la ville.» («Artesanatos do livro, da bijuteria, da costura ou da moda encontram, na concentração intelectual da cidade, a excitação inventiva que lhes é necessária. Trata-se de actividades essencialmente urbanas e cujos lugares de trabalho se poderão situar nos lugares mais intensos da cidade.») Le Groupe CIAM-France. Urbanisme des CIAM, *La Charte d'Athènes*, cit., p. 161.

154. Ver, sobre este assunto, Maria Cecilia O'Byrne, «Le Musée d'art Contemporain à Paris 1930: la spirale extensible», in *Massilia : 2005 : annuaire d'études corbusiennes*. Sant Cugat del Vallès: Associació d'idees, Centre d'Investigacions Estètiques, 2005, pp. 86-113.

[Fig. 29] Museu em espiral quadrada (ilustração de L-C, *La maison des hommes*, p. 145)

155. Jean-Jacques Duval descreve assim este museu: «Le musée, conçu sur le modèle d'une coquille de mollusque en spirale, devait pouvoir s'agrandir, en ajoutant un côté ou une spirale complète au noyau central, en fonction des besoins nouveaux. La Direction des musées de France s'était déclarée ravie de voir instituer un musée de ce type à l'occasion de la reconstruction de Saint-Dié.» («O museu, concebido seguindo o modelo de uma casca de molusco em espiral, devia poder aumentar-se, juntando um lado ou uma espiral completa ao nó central, em função das novas necessidades. A Direcção de Museus da França tinha-se declarado muito satisfeita por ver instituir um museu desse tipo por ocasião da reconstrução de Saint-Dié.»), Jean-Jacques Duval, *op. cit.*, pp. 73-74.

[Fig. 30] Planta do projecto Palais des Soviets (L-C e Pierre Jeanneret, 1930, FLC 27872)

156. À semelhança das analogias que estabelecia Le Corbusier, ao publicar fotografias das suas casas dos anos 20, com um automóvel em primeiro plano, Stanislaus von Moos estabelece uma eficaz comparação entre estas casas e uma máquina: «Semelhante separação visual das funções não existe nem nas primeiras construções de Wright, nem de Oud, Loos ou Gropius. Tão pouco existe em Rietveld ou Mendelsohn. Um procedimento análogo encontra-se, pelo contrário, num terreno de importância fundamental para a arquitectura: a estética da máquina. No automóvel de 1920, as diferentes partes articulam-se, mantendo a sua individualidade, seguindo cada uma a sua função. O prisma cónico da capota envolve unicamente o volume do motor, as semi-esteras dos faróis estão situadas uma em cada sítio, os guarda-lamas inscrevem-se numa diagonal exacta, e a cabina, com os seus assentos, aproxima-se do prisma.» Stanislaus von Moos, *Le Corbusier*, cit., p. 93. Podemos entender o centro cívico como uma máquina a uma escala gigantesca, tal como poderia ser o projecto para o Palais des Soviets, de 1931. No caso do centro cívico, no entanto, e ao contrário do Palais des Soviets, as várias partes da grande máquina tornam-se de tal forma autónomas que passam a funcionar por si próprias, já sem pontos de contacto entre si.

157. Colin Rowe e Fred Koetter, *Collage City*, Cambridge: MIT Press, 1978, pp. 105-106.

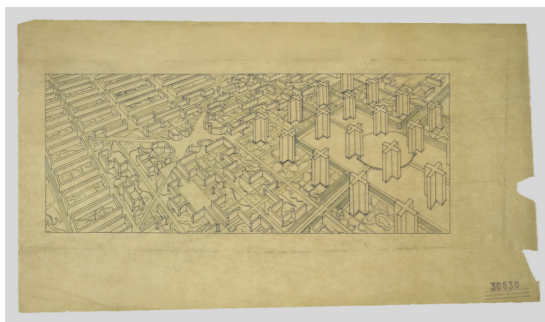
[Fig. 31] Desenho do projecto Ville Contemporaine (L-C e Pierre Jeanneret, 1922, FLC 30830)

isolado, surge um museu em espiral quadrada, de acordo com o modelo de crescimento ilimitado do Musée d'Art Contemporain de Paris de 1931¹⁵⁴, e também de acordo com o edifício-tipo ilustrado em *La maison des hommes*^[Fig. 29]¹⁵⁵. Ao centro do centro cívico, surge um teatro, de acordo com o modelo da sala do Palais des Soviets de 1930^[Fig. 30]. Pondera-se igualmente a integração de um palácio de justiça. Enquanto que os primeiros desenhos do plano representavam as unidades de habitação e os edifícios fabris com um carácter repetitivo, tanto do ponto de vista da sua morfologia, como do seu próprio posicionamento, estes desenhos, que se referem ao centro cívico, retratam um momento de excepção no plano. Descrevem uma composição formada por elementos singulares, de um carácter único e irrepetível, que possuem uma total autonomia relativamente às regras de composição que regem tanto o posicionamento das unidades de habitação, como o dos edifícios industriais do plano. No centro cívico da cidade que aplica o modelo da unidade de habitação, procura-se a libertação dos elementos do espaço público, à semelhança da que já ocorrera, à escala da arquitectura, nos elementos dos edifícios de Le Corbusier nos anos 20.¹⁵⁶

Colin Rowe e Fred Koetter comparam a cidade corbusiana com a cidade tradicional da seguinte forma:

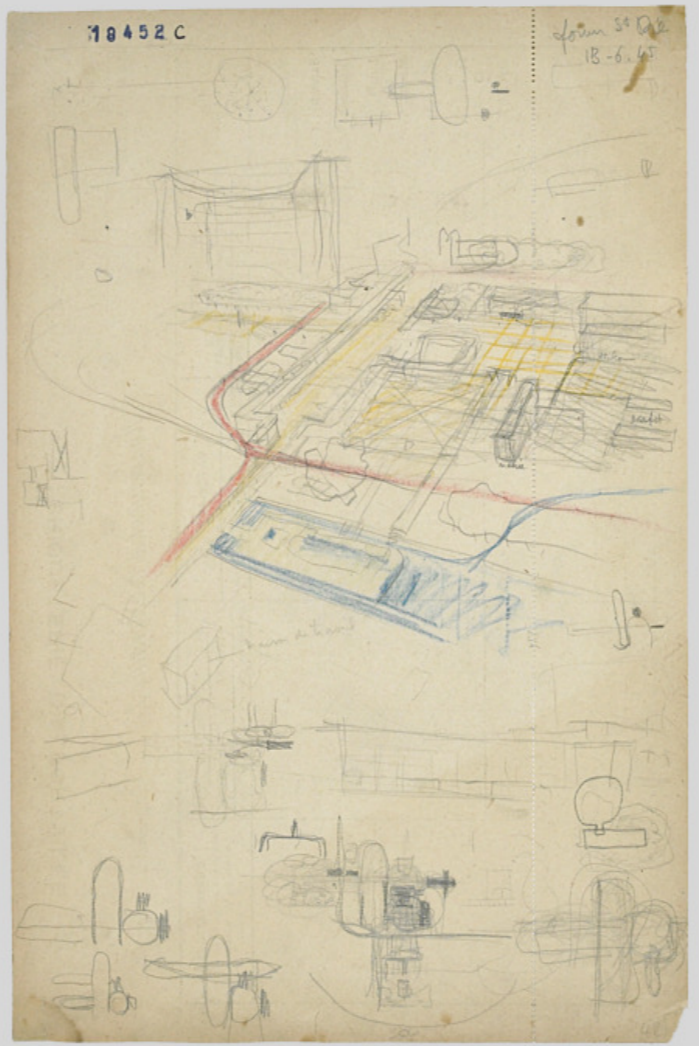
«[...] o fundo deixa aparecer uma categoria totalmente diferente de figuras – de um lado, o objecto, e de outro, o espaço.»¹⁵⁷

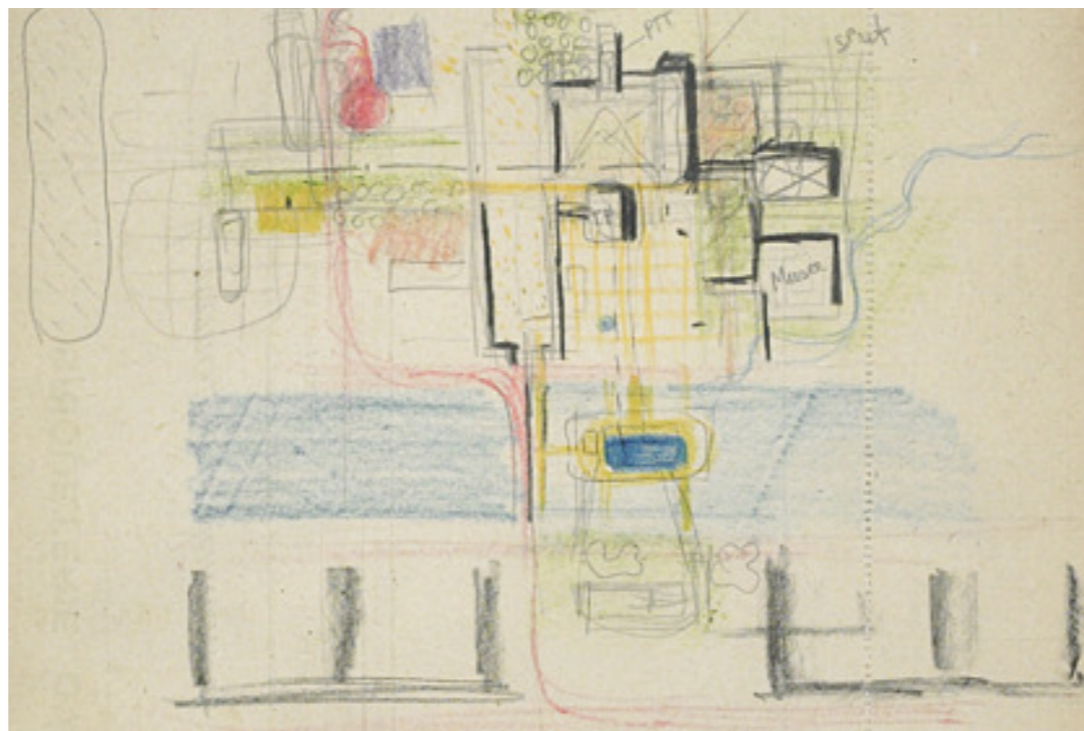
Por oposição à generalidade das praças que existiam naquela altura, com os limites edificados e o centro do espaço livre (tal como sucede igualmente em algumas praças corbusianas anteriores, de que é exemplo a praça maior do Plan Voisin para Paris de 1925), o centro cívico não possui uma delimitação precisa, enquanto que o seu espaço central é polvilhado por edifícios. Por outro lado, por oposição às praças em que a composição dos elementos se baseia numa simples simetria axial (tal como igualmente sucede em algumas praças corbusierianas anteriores, de que são exemplos a composição dos arranha-céus cruciformes do projecto para a Ville Contemporaine pour 3 millions d'habitants de 1922^[Fig. 31], a composição dos



10452C

form 5th Dk
18-6-67



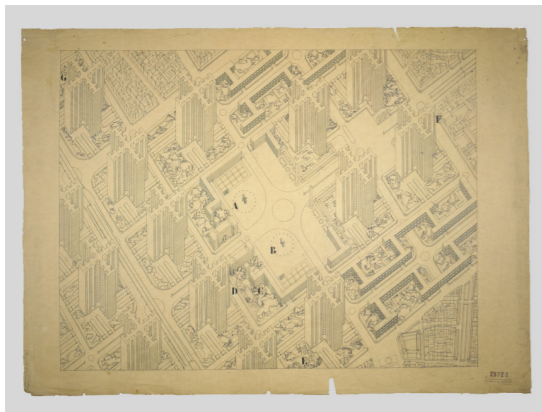


[Fig. XXXIII]

Desenho do centro cívico do projecto St-Dié (L-C, 13 de Jun. de 1945, FLC 18452C)

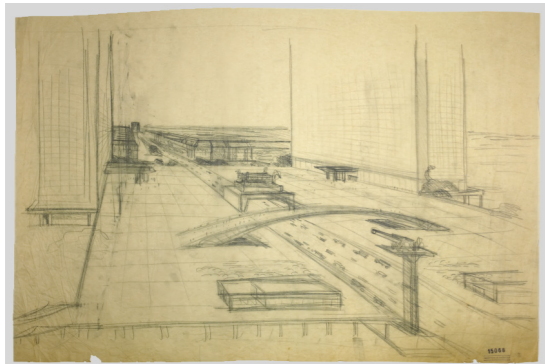
[Fig. XXXIV]

Desenho do centro cívico do projecto St-Dié (L-C, 14 de Jun. de 1945, detalhe de FLC 18454B)



lado, por oposição às praças em que a composição dos elementos se baseia numa simples simetria axial (tal como igualmente sucede em algumas praças corbusierianas anteriores, de que são exemplos a composição dos arranha-céus cruciformes do projecto para a Ville Contemporaine pour 3 millions d'habitants de 1922, a composição dos elementos da praça maior do Plan Voisin para Paris de 1925^[Fig. 32], e a composição dos elementos da Porte Maillot de 1929^[Fig. 33]), o centro cívico da cidade corbusiana do período imediatamente posterior à Segunda Grande Guerra, contém uma composição estabelecida de acordo com um equilíbrio entre a massa de cada volume e a sua posição relativa no espaço.

Esta não é a primeira vez que Le Corbusier propõe uma estrutura compositiva deste tipo, ao nível do espaço público das suas cidades. Na verdade, trata-se de uma estrutura semelhante à que encontramos em cada um dos 10 quarteirões que compõem o espaço correspondente ao grande eixo norte-sul da Ville Radieuse de 1930^[Fig. 34]. Trata-se de uma composição equiparada à que encontramos nos centros cívicos dos planos urbanísticos para Barcelona em Espanha (1933)^[Fig. 35], para Nemours na Argélia (1933)^[Fig. 36], ou para Buenos Aires na Argentina (1938)^[Fig. 37], para citar apenas alguns exemplos¹⁵⁸. Nestes projectos, sempre ou em algum momento, os espaços públicos de congregação da cidade são constituídos por um recinto com os limites apenas indiciados ou em parte edificados, e ocupados por uma série de equipamentos dedicados à comunidade, conformados por vários volumes, irrepetíveis, autónomos entre si e em relação ao conjunto do plano, de acordo com um equilíbrio baseado na harmonia gerada entre a massa de cada volume e a sua posição relativa no espaço. Estes projectos demonstram-nos que a ideia de espaço presente no desenho que representa o centro cívico de Saint-Dié, não surge aqui pela primeira vez: é experimentada



em projectos urbanísticos anteriores, fazendo portanto parte de uma pesquisa desde há muito empreendida.

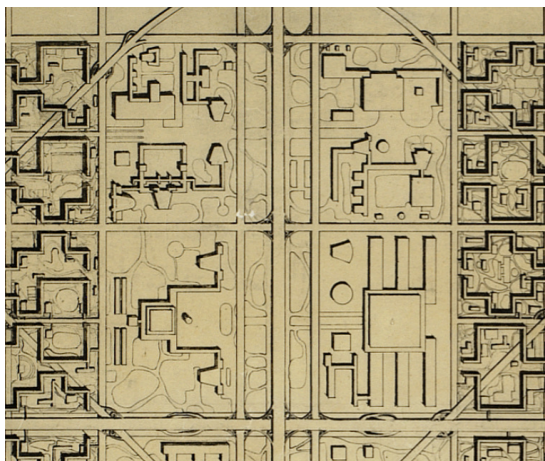
Igualmente no dia 14 de Junho de 1945, são então realizados três esquiços do centro cívico de Saint-Dié [Fig. XXXV]. Se, até aqui, a visão do espaço projectado tem sido exterior, desde o alto, neste pequeno conjunto procura-se perceber as sensações que esta composição criaria em alguém que a percorresse. A estrutura do centro cívico da cidade corbusiana que aplica a unidade de habitação consiste numa estrutura espacial aberta. Os edifícios conferem escala e termo de comparação à paisagem circundante. Transformam-se em cortinas que nos vão ora ocultando ora mostrando o território envolvente, já que um panorama permanentemente presente perderia a sua importância.

Nesta altura, Le Corbusier escreve:

«Par l'urbanisme et par l'architecture, les sites et le paysage peuvent entrer dans la ville, ou, de la ville, constituer un élément plastique et sensible décisif. Un site ou un paysage n'existe que par le truchement des yeux. Il s'agit donc de le rendre présent dans le meilleur de son ensemble ou de ses parties.»¹⁵⁹

Num desenho de sexta-feira, 15 de Junho de 1945 [Fig. XXXVI], é possível reconhecer que a disposição dos elementos no interior do centro cívico cria vários ambientes diferenciados. As cores dos pavimentos das diversas zonas reflectem igualmente este facto: a vermelho, surgem as vias de circulação automóvel – totalmente subordinadas aos elementos edificados e lugares públicos, mantendo-se periféricas relativamente ao recinto (à excepção de três pequenos espaços, que se pode depreender que seriam destinados a estacionamento) –; a verde, reflectindo a introdução de vegetação, surgem as áreas de parque; a amarelo, surgem as vias de circulação pedonal, através das quais vários percursos atravessando o espaço são possíveis, relacionando assim vários pontos da cidade através do centro cívico.

Os edifícios ganham ainda mais autonomia do que na versão anterior. Não tocam uns nos outros, ou apenas estabelecem pequenos pontos de contacto. Cada volume é



[Fig. 32] Desenho do projecto Plan Voisin (L-C e Pierre Jeanneret, 1925, FLC 29723)

[Fig. 33] Desenho do projecto Porte Maillot (L-C e Pierre Jeanneret, 1929, FLC 15068)

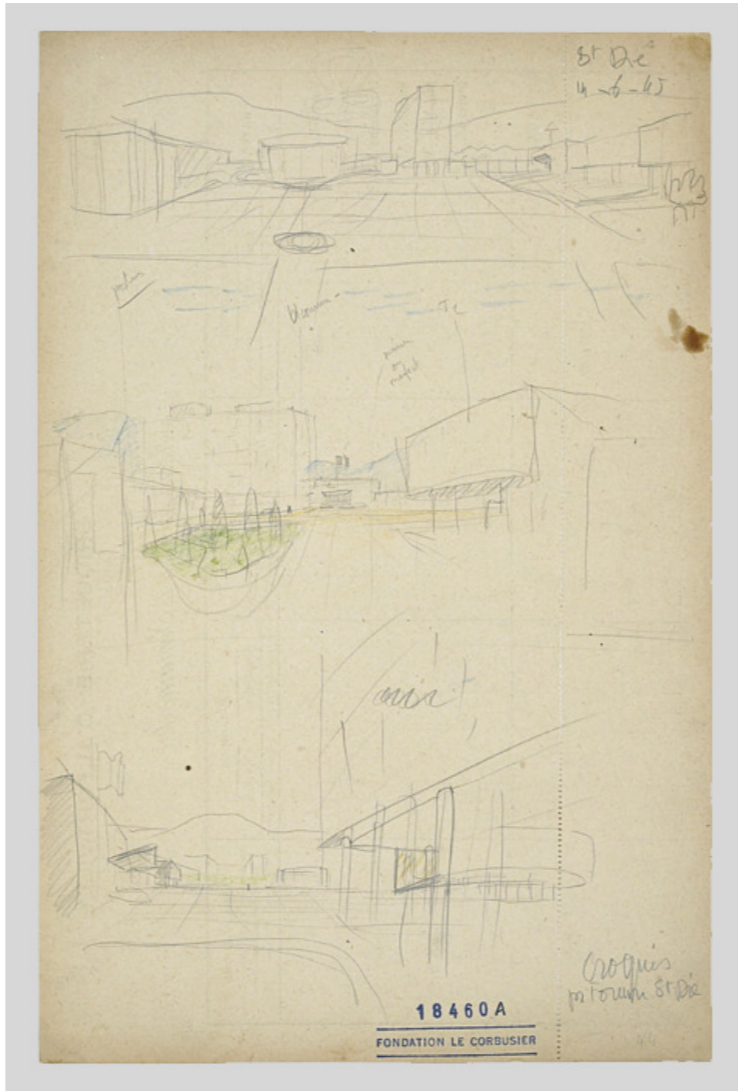
[Fig. 34] Desenho do projecto Ville Radieuse (L-C e Pierre Jeanneret, 1930, detalhe de FLC 29714)

158.

Dos 32 desenhos, relativos ao projecto do plano urbanístico para Barcelona em Espanha, que se encontram na Fondation Le Corbusier, 5 contém informações acerca do seu centro cívico, normalmente indicado nas plantas com a letra B. O centro cívico, na intersecção da avenida Parallel e Meridiana, era constituído por uma série de edifícios para usufruto de todos os cidadãos, de acordo com um equilíbrio baseado na harmonia gerada entre a massa de cada volume e a sua posição relativa no espaço. Dos 62 desenhos, relativos ao projecto do plano urbanístico para para Nemours na Argélia, que se encontram na Fondation Le Corbusier, 8 contém informações acerca do seu centro cívico, normalmente indicado nas plantas com a letra D. O centro cívico surge no topo da colina do Phare, e contém o edifício da Câmara Municipal, uma igreja, um auditório e um centro comercial, para usufruto de todos os cidadãos, equilibradamente dispostos na paisagem. Dos 125 desenhos, relativos ao projecto do plano urbanístico para Buenos Aires na Argentina, que se encontram na Fondation Le Corbusier, 23 contém informações acerca dos seus centros cívicos. Estes lugares, distribuídos pela cidade, reuniam uma série de edifícios de carácter colectivo, dispostos de acordo com um equilíbrio que não corresponde a uma simetria axial.

159.

Através do urbanismo e da arquitectura, os sítios e a paisagem podem entrar na cidade, ou, dela, constituírem-se como um elemento plástico e sensível determinante. Um sítio ou uma paisagem não existe de outra forma que através dos olhos. Trata-se, por conseguinte, de torná-los presentes no melhor do seu conjunto ou das suas partes.» Le Corbusier, *Manière de penser l'urbanisme*, cit., p. 85.



St Die
4-6-65

18460A

FONDATION LE CORBUSIER

Croquis
pour le town St Die



[Fig. XXXV]
Esquiços com vistas desde o centro cívico de St-Dié (L-C, 14 de Jun. de 1945, FLC 18460A)

[Fig. XXXVI]
Planta do projecto St-Dié (L-C, 15 de Jun. de 1945, detalhe de FLC 18436)



vários percursos atravessando o espaço são possíveis, relacionando assim vários pontos da cidade através do centro cívico.

Os edifícios ganham ainda mais autonomia do que na versão anterior. Não tocam uns nos outros, ou apenas estabelecem pequenos pontos de contacto. Cada volume é entendido como uma peça isolada, com individualidade. A planta do edifício de serviços públicos aproxima-se de um losângulo, de acordo com o modelo de arranha-céus criado para a Cité d’Affaires do Plano Director de Argel de 1938-42¹⁶⁰, e ilustrado em *La maison des hommes*.^[Fig. 38] As edificações que conformavam o bulevar existente sobre a antiga Grand’Rue transforma-se morfologicamente, de acordo com o modelo de edifício em zigzague destinado a venda de artesanato, ligado a um edifício cúbico, servindo de grande armazém, sinteticamente ilustrados em *Manière de penser l’urbanisme*.^[Fig. 39]¹⁶¹

A partir daqui, o território envolvente, por entre as unidades de habitação que fazem parte do plano, é polvilhado por outros edifícios de carácter colectivo, mas de menores dimensões. São os intitulados «prolongamentos da habitação» – creches, escolas primárias, escolas secundárias, espaços reservados a grupos de jovens. A influência do centro cívico estende-se ao restante território da cidade, expande-se. Em outro desenho de 15 de Junho [Fig. XXXVII], são apontados a verde os elementos que ocupariam o território da zona habitacional.

No dia seguinte, Sábado 16 de Junho, Le Corbusier elabora um desenho que constitui o epítome das reflexões até então realizadas a propósito do centro cívico [Fig. XXXVIII]. Este desenho, para além de ser o reflectir o pensamento de Le Corbusier, constitui igualmente o seu testemunho. Através dele, são transmitidas as regras do jogo aos seus colaboradores. Tal como é comum no atelier da Rue de Sèvres,

[Fig. 35] Desenho do projecto Plan Macià, em Barcelona (L-C e Pierre Jeanneret, 20 de Jan. de 1935, detalhe de FLC 13189)

[Fig. 36] Desenho do projecto Buenos Aires (L-C e Pierre Jeanneret, 4 de Fev. de 1938, detalhe de FLC 13024)

[Fig. 37] Desenho do projecto Buenos Aires (L-C e Pierre Jeanneret, 4 de Fev. de 1938, detalhe de FLC 13024)

160.

Le Corbusier descreve este edifício-tipo: «Le bureau se situe naturellement au coeur des circulations urbaines. Lieu des contacts innombrables, les bureaux doivent être proches l'un de l'autre. [...] ils tendent à se réunir dans un seul bâtiment, un immeuble impeccable de bureaux: la cité d'affaires.» («O escritório situa-se naturalmente no coração das circulações urbanas. Lugares de inúmeros contactos, os escritórios devem estar próximos uns dos outros. [...] tendem a reunir-se numa única construção, um edifício sensacional de escritórios: a cidade de negócios.») Le Corbusier. *Manière de penser l'urbanisme*, cit., p. 74.

—

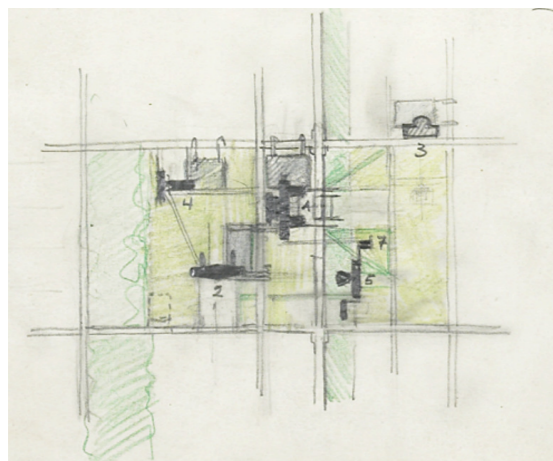
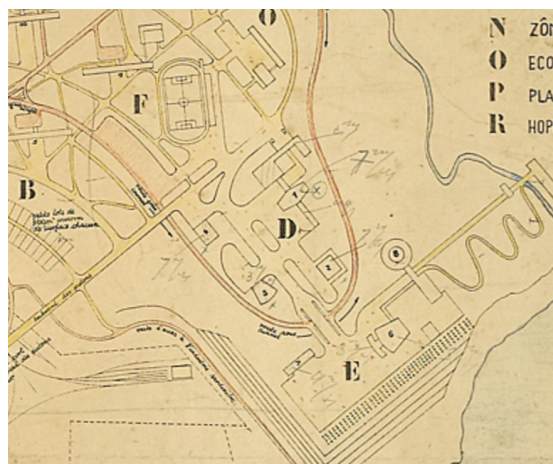
—

161.

Le Corbusier caracteriza estes dois edifícios-tipo: «La boutique rattachée à l'artisanat peut constituer une unité urbanistique significative: la rue des artisans ou des commerces de luxe. Ces unités empruntent les formes les plus diverses dont celle de la figure A est caractéristique. Le Grand Magasin n'est autre qu'un vaste contenant, un immense entrepôt [...].» («A loja, relacionada com o artesanato, pode conservar uma unidade urbanística significativa: a rua dos artesãos ou do comércio de luxo. Estas unidades tomam as formas mais diversas, das quais a figura A é característica. O Grande Armazém não é mais que um vasto contentor, um imenso empório [...].») Le Corbusier. *Manière de penser l'urbanisme*, cit., pp. 76-77.

162.

Segundo André Wogenscky, «When one was just a beginner in his workshop, it was rather difficult to understand anything in these drawings. With a bit of experience one learned how to read them. And one saw how they contained the entire project, in its functional organization as well as in its plastic and aesthetic organization.» («Quando se era apenas um novato na sua oficina, era difícil compreender alguma coisa nestes



este esboço é afixado num lugar facilmente acessível a partir dos estiradores das pessoas que tratarão de desenhá-lo de uma forma rigorosa.¹⁶² A partir deste desenho, começa-se a proporcionar e geometrizar os elementos «d'après le croquis de L.C. du 16».¹⁶³ Um quadrado com 300 metros de lado é subdividido, por uma grelha, em 25 quadrados de 60 metros [Fig. XXXIX]. O desenho dos elementos que compõem o centro cívico será adaptado a partir desta grelha, que servirá como um referente geométrico e proporcional.

A 28 de Junho de 1945, é elaborada, no atelier da Rue de Sèvres, uma planta geral do projecto [Fig. XL], versão que será mais tarde incluída no conjunto de desenhos apresentados em *L'homme et l'architecture, Œuvre complète 1938-46*, e *New World of Space*.¹⁶⁴

O plano de Saint-Dié tem uma fraca aceitação, sendo que a população prefere uma reconstrução realizada à imagem da cidade que perdeu na guerra.¹⁶⁵ No entanto, Le Corbusier insiste em seguir com o projecto¹⁶⁶. Num esboço de 13 de Dezembro, e noutros dois, não datados mas ligeiramente posteriores, é novamente definida a estrutura do espaço de congregação¹⁶⁷. O edifício de serviços públicos é desviado para oeste, de modo a interromper o eixo norte-sul correspondente à antiga Rue de Thiers. O percurso principal no espaço ganha assim complexidade, tornando-se menos imediato, e obrigando o caminhante em direcção a norte, a fazer uma eleição na transposição deste elemento, surpreendendo-se posteriormente com a visão da antiga catedral. Um edifício em ziguezague, de acordo com o modelo criado para a Ville Radieuse, de 1932, é acrescentado ao plano, a nordeste, agora contendo um hotel. O teatro muda de orientação, sofrendo uma rotação de 90°. A via com orientação norte-sul, que ladeava o centro cívico a este, é desviada, sendo-lhe retirado qualquer papel definidor do centro cívico, ao mesmo tempo que se enfatiza o seu mero carácter funcional. Um percurso pedonal com direcção este-oeste atravessa agora o centro cívico, prolongando o eixo da antiga Rue Stanislas, e desenhando o caminho que passará por entre as várias unidades de habitação do plano. Le Corbusier trata de apelar às mais altas

desenhos. Com um pouco de experiência, aprendia-se a lê-los. E aí, via-se como continham todo o projecto, tanto no que diz respeito à sua organização funcional como plástica e estética.») André Wogenscky, «The Unité d'Habitation at Marseille», in H. Allen Brooks (ed.), *Le Corbusier: the Garland Essays*. New York, London: Garland, 1987, p. 118. Segundo Marc Bédarida, «a interpretação desses croquis exigia toda uma aprendizagem. As vezes, a descodificação mobilizava várias pessoas, até que um dos mais velhos descobre a via a seguir.» Marc Bédarida, «L'envers du décor», in *Le Corbusier: une encyclopédie: ouvrage publié à l'occasion de l'exposition 'L'aventure Le Corbusier'*, cit., p. 355. Jerky Soltan retrata assim a sua experiência: «The sketches at some point became fuzzy, a sign that they represented more his digging into the subconscious, his guessing, than a finished proposal. He would then pass them on to me – to us – sometimes with a mischievous smile. The role of the team was then to interpret, clarify, and present the concept for his scrutiny, in a precise graphic form, sometimes as a model.» («Os desenhos, num determinado ponto, tornavam-se difusos, um sinal de que representavam mais a sua procura no subconsciente, as suas suposições, que uma proposta acabada. Passava-os então para mim – para nós – por vezes com um sorriso malicioso. O papel da equipa era então interpretar, clarificar, e apresentar o conceito numa forma gráfica precisa, por vezes uma maquete, para que fosse por ele analisado minuciosamente.») Jerzy Soltan, «Working with Le Corbusier», in H. Allen Brooks (ed.), *Le Corbusier: the Garland Essays*, cit., p. 4.

163.

«Segundo os desenhos de L.C. de 16», FLC 18442, de 18 de Julho de 1945.

164.

Le Corbusier, «Un plan pour Saint-Dié» in *L'homme et l'architecture*, cit., p. 43, in *Werk*, cit., pp. 111; Le Corbusier et Pierre Jeanneret, *Œuvre complète 1938-46*, cit., p. 135; Le Corbusier, *New World of Space*, cit., p. 118.

165.

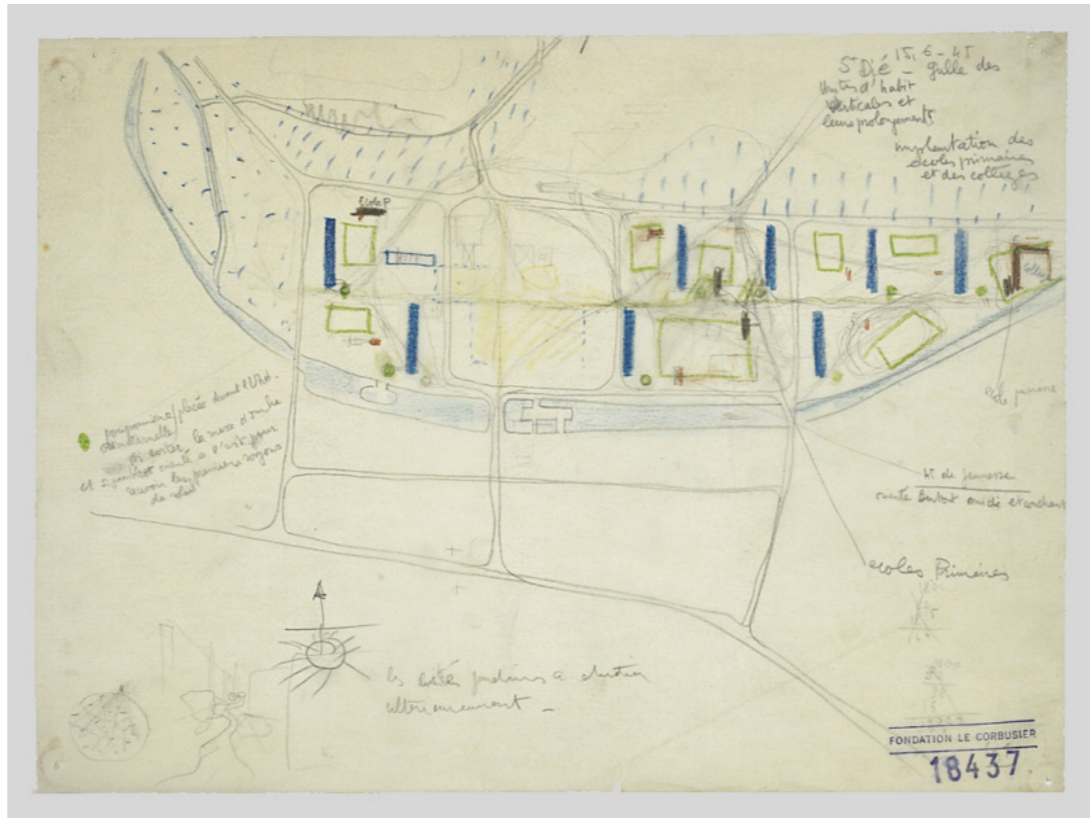
O primeiro plano de Jacques André, urbanista oficial da cidade, era substancialmente diferente do plano realizado por Le Corbusier, urbanista-consultor. O cargo de Le Corbusier, sem um papel oficial na grelha hierárquica do Ministério da Reconstrução e do Urbanismo, e a inexistência de uma verdadeira colaboração entre os dois arquitectos, levava à existência de dois projectos distintos. No início de Setembro, é realizada uma reunião no atelier da Rue de Sèvres, com Le Corbusier e André Wogenscky, Jacques André e Georges-Henry Pingusson e Georges Micheau, e o Presidente da Câmara do Comércio, A. Colin, no sentido de aproximar os dois projectos, mas tal revela-se impossível. Le Corbusier apresenta o seu projecto para Saint-Dié à Comissão de Urbanismo e aos habitantes da cidade a 27 de Outubro. Uma das duas associações de vítimas da guerra, a Association des Sinistrés, mostra-se aberta às soluções de Le Corbusier, mas a restante população opõe-se, uma vez que deseja uma cidade realizada à imagem da que perdeu na guerra. A outra associação de sinistrados acaba por pedir a aplicação de outro projecto, que propõe uma reconstrução exacta do destruído.

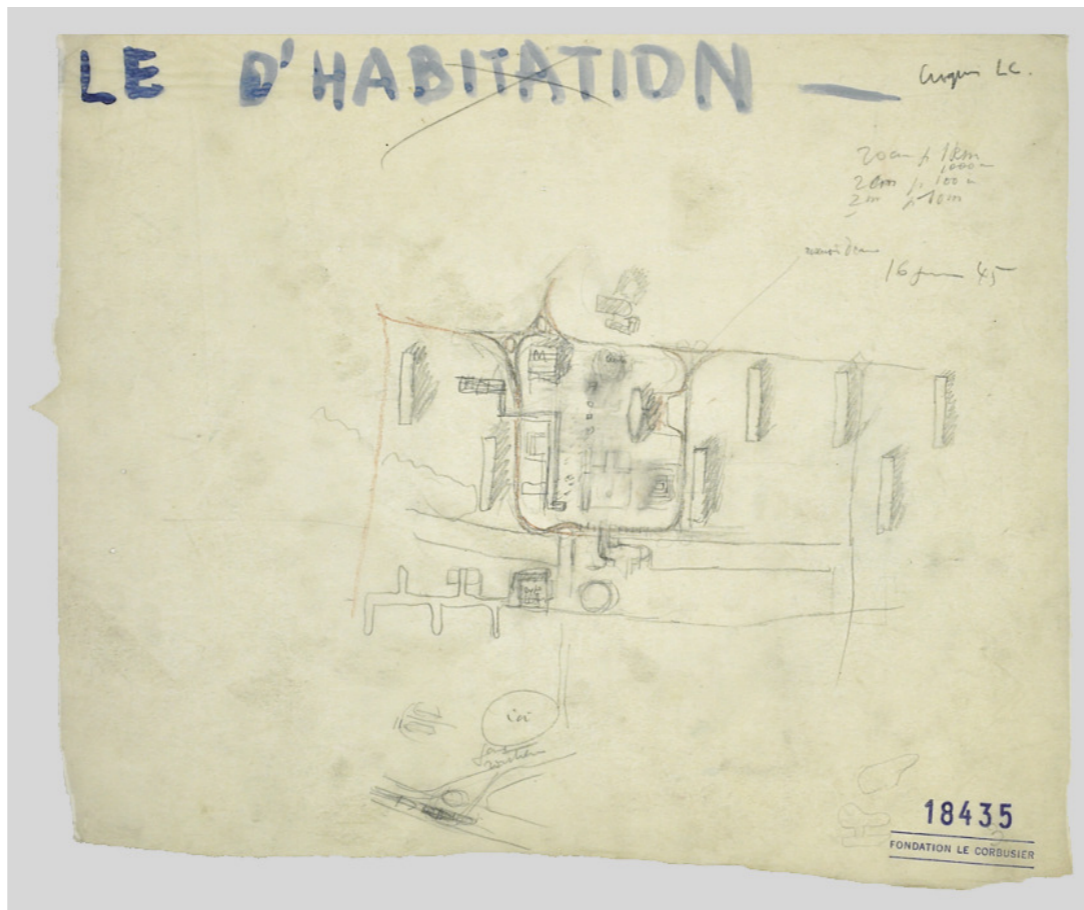
166.

Le Corbusier escreve a Prothin, Director de Urbanismo: «[...] Je profite ces lignes pour confirmer ce que je vous ai dit verbalement la semaine dernière: c'est que je n'abandonnerai pas l'affaire de Saint-Dié [...]» («[...] Aproveito estas linhas para lhe confirmar algo que lhe disse verbalmente na semana passada: que não abandonarei o projecto de Saint-Dié [...]») Le Corbusier, carta a Prothin, de 11 de Dezembro de 1945, FLC Q-14-9. Ver, igualmente, Le Corbusier, carta a Jean-Jacques Duval, de 19 de Dezembro de 1946, FLC H-3-18.

167.

Ver FLC 18420, 18445, 18431.





[Fig. XXXVII]

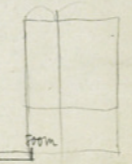
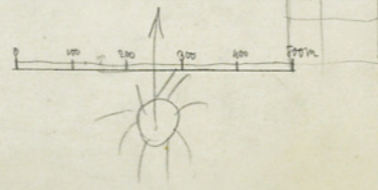
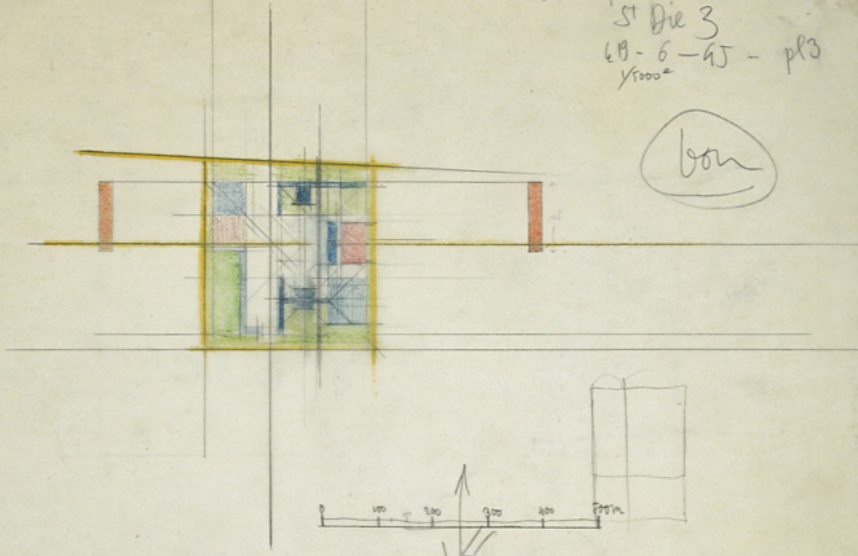
Planta do projecto St-Dié (L-C, 15 de Jun. de 1945, FLC 18437)

[Fig. XXXVIII]

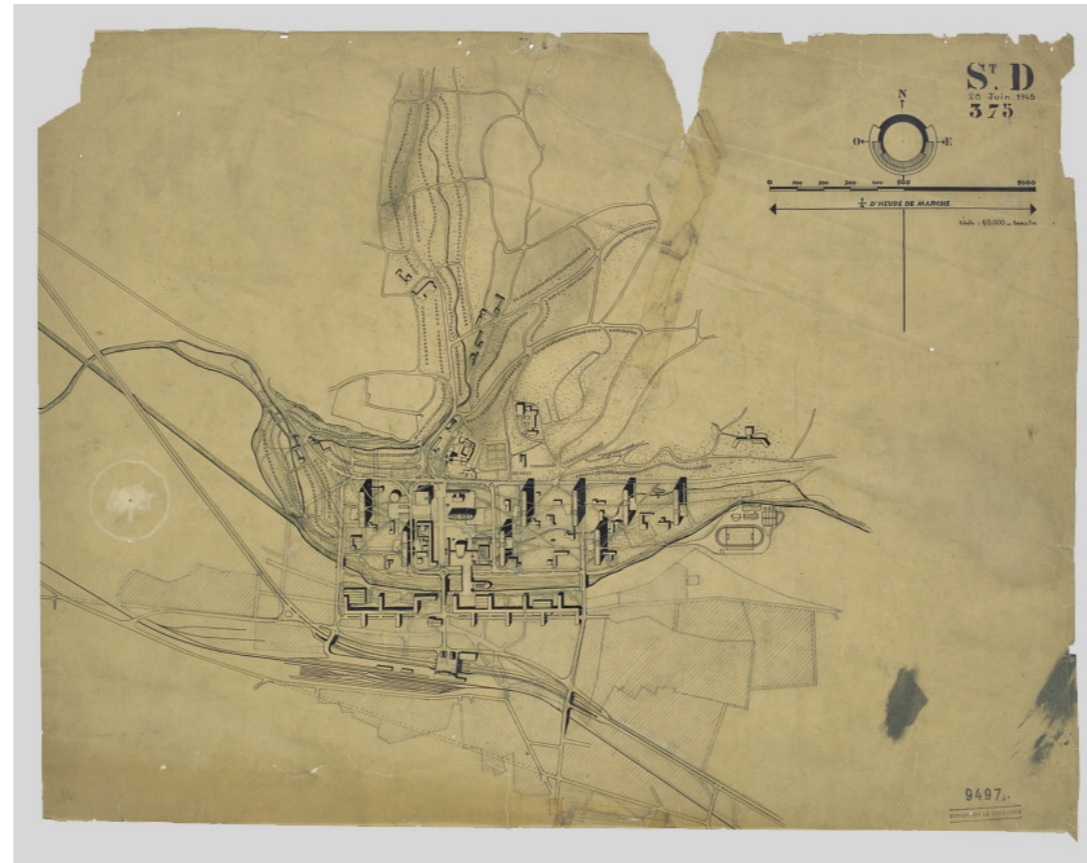
Planta do projecto Saint-Dié (L-C, 16 de Jun. de 1945, FLC 18435)

TR implantation site
St Die 3
6B-6-4J - pl3
1/1000+

bon

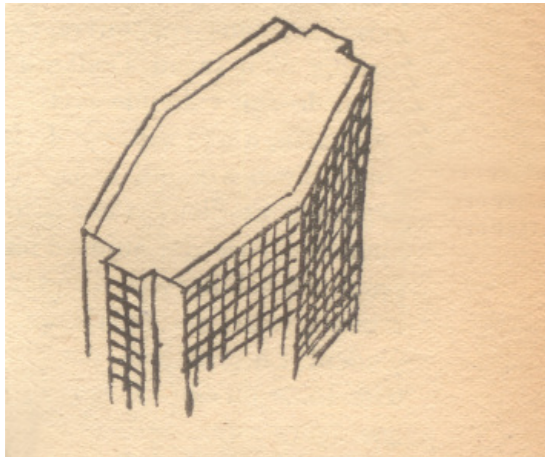


18419



[Fig. XXXIX]
Esboço do centro cívico do projecto St-Dié (L-C, 19 de Jun. de 1945, FLC 18419)

[Fig. XL]
Planta do projecto St-Dié (L-C, 28 de Jun. de 1945, FLC 09487A)

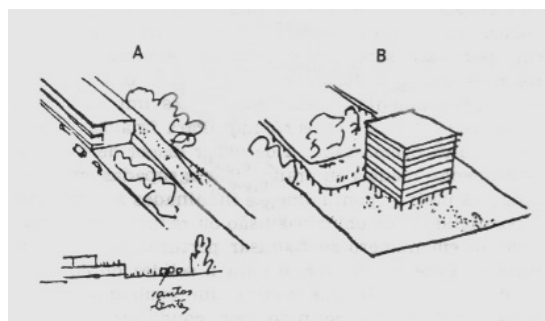


papel definidor do centro cívico, ao mesmo tempo que se enfatiza o seu mero carácter funcional. Um percurso pedonal com direcção este-oeste atravessa agora o centro cívico, prolongando o eixo da antiga Rue Stanislas, e desenhando o caminho que passará por entre as várias unidades de habitação do plano. Le Corbusier trata de apelar às mais altas autoridades. Na carta que escreve a 21 de Dezembro a Raul Dautry, Ministro da Reconstrução e do Urbanismo de França, na véspera de partir para uma viagem de trabalho aos Estados Unidos da América, anuncia o envio de uma planta onde são identificados os trabalhos que deveriam ser realizados numa primeira fase de construção do projecto, ou seja, o mais rapidamente possível, intitulada «etapa 1946».¹⁶⁸ Le Corbusier propõe que, nesta «Etapa 1946», sejam edificadas algumas indústrias, duas das unidades de habitação, mas na sua totalidade o espaço do centro cívico.

Le Corbusier pergunta a Raul Dautry:

«Quoiqu'il puisse advenir, ne croyez-vous pas, Monsieur le Ministre, lorsque vous aurez vu le plan de l'étape 1946, qu'il serait indispensable de créer le Centre Civique de Saint-Dié, le sauvegarder dans toute la beauté qu'il peut atteindre, et que les projets de rues à deux, trois ou quatre étages ne puissent jamais défigurer ce centre consacré [...] ?»¹⁶⁹

A 1 de Janeiro de 1946, é elaborado o desenho correspondente a essa primeira etapa de construção [Fig. XLI] – que será enviado para Raul Dautry, e publicado por Le Corbusier diversas vezes. Em Fevereiro, logo após uma longa viagem a bordo de um cargueiro da armada americana, vindo dos Estados Unidos da América, Le Corbusier confronta-se com o facto consumado de que Raul Dautry se tenha demitido. Jacques André demite-se igualmente, mas o seu plano é retomado por Georges Michau, o chefe de projecto da sua equipa. Acaba por ser votado



favoravelmente, com o apoio do Estado, pela Assembleia Municipal de Saint-Dié, a 31 de Janeiro de 1946.

Pouco a pouco, Le Corbusier vai perdendo a esperança de realizar este projecto que aplicaria o modelo da unidade de habitação. Já em Dezembro de 1950, de passagem por Saint-Dié, observa a reconstrução da cidade, e escreve a Pierre Dalloz, Chefe do Serviço de Arquitectura do Ministério da Reconstrução e do Urbanismo. Numa última tentativa, solicita que o espaço que seria consagrado ao centro cívico não seja coberto de edificações, inviabilizando assim, para sempre, a construção do que poderia vir a constituir um exemplo paradigmático dos lugares de congregação das cidades corbusianas que aplicam o modelo da unidade de habitação:

«Je suis allé l'autre jour à Saint-Dié. La Grand Rue que l'on fait va probablement cacher l'emplacement actuellement libre de mon croquis qui montre un Saint-Dié paysagiste et esthétique intéressant. Si, la rue B actuellement bâtie à gauche de la lignée d'immeubles C reçoit une nouvelle bordure D, équivalente et parallèle à C, tout sera perdu. Ne pensez-vous pas qu'il faudrait trouver des méthodes pour assurer la surface libre A ?»¹⁷⁰

Se, mais tarde, mas ainda durante a fase de elaboração da Unidade de Habitação de Marselha –, a estrutura espacial do centro cívico derivará igualmente na concepção de outro espaço, agora já não um centro, mas um capitólio de uma cidade que já não aplica o modelo da unidade de habitação – o paradigmático Capitólio de Chandigarh –, no período imediatamente subsequente à Segunda Grande Guerra – em que se realizam os primeiros esboços e os dois anteprojectos da Unidade de Habitação de Marselha, e para além de Saint-Dié e La Rochelle La Pallice –, surgirá outro plano urbanístico que, tendo a unidade de habitação como elemento base da composição da cidade, contém vários espaços que são centros cívicos: o projecto intitulado Vieux-Port Marseilleveyre [Fig. XLII]. Neste caso – e uma vez que o plano contém dezasseis unidades de habitação, em vez de oito, como em Saint-Dié, ou dez, como em La Rochelle La Pallice –, existem dois centros cívicos, cumprindo-se, uma vez mais, a promessa

[Fig. 38] Edifício de serviços públicos (ilustração de L-C, *La maison des hommes*, p. 149)

[Fig. 39] Edifício em zigue-zague ligado a um edifício cúbico, destinados a comércio (ilustração de L-C, *Manière de penser l'urbanisme*, p. 76)

168.

«Je n'ai pas perdu une minute l'idée de la matérialisation des choses, ainsi vous recevrez sous quelques jours, une mise au point beaucoup plus précise du plan du centre de Saint-Dié, qui représente l'assiette possible de votre étape 1946. [...] Le plan qui exprime cette étape 1946, comporte l'emplacement; la forme rigoureusement exacte et strictement biologique des divers éléments constitutifs de la cité, c'est-à-dire deux ISAI, le bâtiment des administrations, le centre de Tourisme, les cafés, la Maison Commune, les magasins, les manufactures. Tout peut être commencé par une première tranche en 1946.» («Não me esqueci um só momento da ideia de materializar as coisas; assim, receberá dentro de alguns dias, um desenvolvimento mais preciso do projecto do centro de Saint-Dié, que representa a base possível da etapa de 1946. [...] O plano que exprime essa etapa inclui a implantação; a forma rigorosamente exacta e estritamente biológica dos diversos elementos constitutivos da cidade, ou seja, os ESAI [Edifício Sem Afectação Individual], o edifício das administrações, o centro de Turismo, os cafés, a Câmara Municipal, as lojas, as manufacturas. Tudo pode ser começado por uma primeira etapa em 1946.») Le Corbusier, carta a Raul Dautry, de 21 de Dezembro de 1945, FLC H3-18-146.

169.

«Não crê, Senhor Ministro, uma vez que tenha visto o projecto da etapa 1946, que será indispensável criar o Centro Cívico de Saint-Dié, de o salvar em toda a beleza que pode atingir, e que os projectos de ruas com dois, três e quatro pisos não poderão nunca desfigurar este centro consagrado [...]?» Le Corbusier, carta a Raul Dautry, de 21 de Dezembro de 1945, FLC H3-18-146.

170.

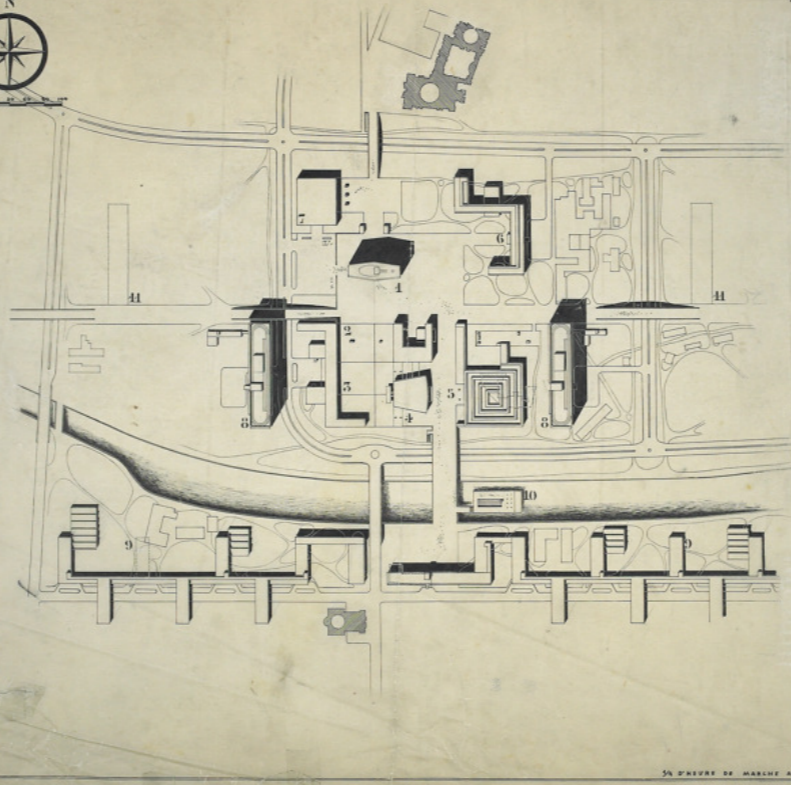
«Fui no outro dia a Saint-Dié. A Grande Rua que se está a fazer vai provavelmente esconder o lugar A do meu esboço, actualmente livre, que mostra um Saint-Dié paisagista e esteticamente interessante. Se, a rua B, actualmente construída à esquerda do alinhamento de edifícios C, recebe um novo limite D, equivalente e paralelo a C, tudo estará perdido. Não lhe parece que seria necessário encontrar métodos para assegurar a superfície livre A?» Le Corbusier, carta a Pierre Dalloz, de 21 de Dezembro de 1950, FLC G2-11-140.

ST.D.
5773

1 JANVIER 1946



- 1 CENTRE ADMINISTRATIF
- 2 TOURISME ET ARTISANAT
- 3 CAFES
- 4 HALSOM COMMERCIAL
- 5 MAJETS
- 6 HOTELERIE
- 7 GRANDS MAGASINS
- 8 S.A.I. (POSTES)
- 9 MANUFACTURES
- 10 PISCINE
- 11 S.A.I. (ST ETAP)



9502

FONDATEUR LE CORBUSIER

54 MÈTRES DE MARCHE A PIEDS



[Fig. XLI]
«Etapa 1946» (L-C, 1 de Jan. de 1946, FLC 09502 A)

[Fig. XLII]
Planta do projecto Vieux-Port Marseilleveyre (L-C, detalhe de FLC 23109)

cidade, contem vários espaços que são centros cívicos: o projecto intitulado Vieux-Port Marseilleyeyre [Fig. XLII]. Neste caso – e uma vez que o plano contém dezasseis unidades de habitação, em vez de oito, como em Saint-Dié, ou dez, como em La Rochelle La Pallice –, existem dois centros cívicos, cumprindo-se, uma vez mais, a de um máximo de quinze minutos a pé, entre cada unidade de habitação e um espaço público de reunião do colectivo, ou seja, entre a porta de cada conjunto de habitações, e o lugar de congregação do conjunto mais vasto de habitantes, espaço fundamental na cidade de Le Corbusier desta época.

Este facto leva-nos a crer que, na cidade corbusiana do período imediatamente subsequente à Segunda Grande Guerra que aplica o modelo da unidade de habitação – cujo desenho parece poder crescer, infinitamente, de acordo com o crescimento da população e da economia –, a cada oito unidades de habitação, aproximadamente, corresponderia um lugar público de congregação ao nível do solo, um centro cívico relativo ao conjunto.

De acordo com estes exemplos, a cada conjunto de cerca de oito *unités* corresponderia um espaço com os limites apenas indiciados, onde estariam concentrados os edifícios de carácter público – como o edifício dos serviços administrativos (câmara municipal, quartel de polícia, câmara de comércio, tesouraria, e segurança social), um edifício destinado ao turismo, artesanato e cafés, um centro comercial, uma versão do museu de crescimento ilimitado, um hotel –, dispostos de acordo com uma harmonia plástica que, por oposição à que poderia ser obtida através de uma similitude de duas partes que se oporiam, não seria afim a uma simples simetria axial, mas sim a um equilíbrio entre a massa e a posição relativa dos distintos e variados objectos, um equilíbrio de natureza complexa, mais afim a uma distribuição instintiva dos objectos no espaço.

Trata-se, portanto, de um lugar que apresenta uma forte analogia com o *toit-terrasse* das unidades de habitação que fazem parte dos planos urbanísticos desta época, e, conseqüentemente, com o *toit-terrasse* da Unidade de Habitação de Marselha.

A COBERTURA DA *UNITÉ D'HABITATION* DE MARSELHA E A PERGUNTA DE LE CORBUSIER PELO LUGAR PÚBLICO



